

A América está de volta e a Europa estará?

Em menos de quinze minutos, Biden enterrou o fantasma geopolítico da America First e disse tudo o que era preciso dizer. Biden é uma oportunidade para a Europa. Valia a pena não a perder.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 24 de Fevereiro de 2021

Desde 1963 que todos os anos, em Fevereiro, se reúne em Munique a nata da nata da política internacional para debater o estado do mundo. Presidentes e primeiros-ministros, ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, diplomatas e militares, académicos e jornalistas. Toda uma gente que dá pelo nome de comunidade estratégica. É a Conferência de Segurança de Munique. Este ano, por causa da pandemia, os dois ou três dias de debate foram transformados num evento *online* com menos de três horas. Na mesmíssima sala de sempre, mas com as galerias vazias. Apenas o anfitrião, o embaixador Wolfgang Ischinger, uma *pivot* da televisão alemã, Natalie Amiri, e três enormes écrans onde, à vez, apareciam os líderes mundiais que não tinham palco mais de 15 minutos cada um. Eu tinha lá estado três vezes, em estatutos diferentes: uma como académico, duas como ministro da Defesa. Desta vez, pude estar sem estatuto nenhum. Sem as apertadas medidas de segurança, confortavelmente, sentado à frente do meu computador.

No ano passado, no meio da crise da ordem liberal e da tensão transatlântica entre Trump e os aliados europeus o tema tinha sido a desocidentalização do ocidente. Este ano, pelo contrário, só estiveram presentes líderes europeus e o norte-americano. Por causa do formato reduzido? Também. Mas, sobretudo, para marcar o regresso do vínculo transatlântico. E quem sabe do ocidente? Nunca até agora, um presidente norte-americano em exercício de funções tinha participado na Conferência de Segurança de Munique. Biden, sim, duas vezes: como vice-presidente de Obama e há dois anos como simples cidadão. Prometeu, então, no auge do isolacionismo *trumpista*, que a América estaria de volta. Prometeu e cumpriu. Regressou como presidente dos Estados Unidos e declarou, alto e bom som: a América está de volta, a aliança transatlântica está de volta.

Em menos de quinze minutos, Biden enterrou o fantasma geopolítico da America First e disse tudo o que era preciso dizer: que acredita no multilateralismo, na liderança americana, nas alianças permanentes e na democracia. **Em menos de um mês já o demonstrou:** regressou ao **Acordo de Paris**; travou a saída da Organização Mundial de Saúde; mostrou abertura para retomar negociações sobre o acordo nuclear com o Irão; e estendeu por cinco anos o acordo de redução de armas estratégicas com a Rússia. Na conferência afirmou, claro e sem hesitação, que quer trabalhar com os parceiros da UE e que apoia o ideal de uma “Europa unida e livre”. Mais, que acredita no artigo V e que NATO não é uma relação transaccional onde cada um recebe na proporção daquilo que paga, é um compromisso de defesa colectiva.

Numa palavra, restaurou a credibilidade da NATO e apoiou a UE. Mas também lembrou que durante a pandemia autocratas e ditadores construíram a narrativa de que a democracia não responde aos desafios e está obsoleta. Ora, Biden quer provar o contrário e travar o combate pela democracia. E quer travá-lo com a Europa.

É muito mais aquilo que une do que aquilo que separa europeus e americanos. Na ordem internacional, a centralidade da Europa joga-se na relação transatlântica. Sem a América e sem a aliança transatlântica, a Europa tenderá para uma periferia

Isto era tudo o que europeus queriam ouvir. Mas [Biden também disse algumas coisas que os europeus talvez preferissem não ter ouvido](#), sobretudo a Alemanha. E são dois os irritantes: um chama-se China, outro chama-se Rússia. Biden propõe uma estratégia comum de longo prazo para competir com a China, que combine confronto sobre democracia e direitos humanos, desacoplamento selectivo em matéria económica e cooperação em questões globais, como o clima ou a proliferação nuclear. Do lado europeu, as resistências prendem-se com interesses comerciais, o acordo de investimentos e da tecnologia 5G. Relativamente à Rússia propõe uma política mais assertiva, contra os ciberataques russos e a violação de direitos humanos. E uma vez mais, do lado europeu, a resistência prende-se com os interesses energéticos e o [pipeline Nord Stream 2](#). Nem sempre os interesses europeus coincidem com os interesses norte-americanos e a autonomia estratégica da Europa é um valor importante. Mas é muito mais aquilo que une, do que aquilo que separa europeus e americanos. Na ordem internacional, a centralidade da Europa joga-se na relação transatlântica. Sem a América e sem a aliança transatlântica, a Europa tenderá para uma periferia. Na ordem política, os populismos e a erosão da democracia e ameaçam os dois lados do Atlântico. É o mesmo combate para as democracias europeias e norte-americana. Biden é uma oportunidade para a Europa. Valia a pena não a perder.

<https://www.publico.pt/2021/02/24/opiniao/opiniao/america-volta-europa-estara-1951830>